

TESTEMUNHAS DO SÉCULO PORTUGUÊS — 7

Ludgero Pinto Basto, 90 anos,

António Melo

Combateu com Togliatti na guerra civil de Espanha, onde aprendeu a fazer a crítica do estalinismo. Preso em 1939 por pertencer ao secretariado do PCP, diz que a direita soube escolher o seu chefe — Salazar. Reconhece no seu antigo inimigo político “um chefe eficaz da direita reaccionária”, que governou “solitário”, sem nunca partilhar o poder. Afasta os eufemismos sobre a natureza política do Estado Novo e trata-o de “fascista”. Mas não é isso que o preocupa neste final de século: “O fascismo ficou tão estigmatizado pelo que provocou que é muito difícil restabelecê-lo.” Teme é a “subida da direita por todo o mundo”. Não concorda que se diga que este foi o século da utopia comunista e acusa Estaline de ter pervertido o projecto do socialismo real, traficando com a ética revolucionária. Esse projecto de sociedade permanece válido porque “todas as misérias do capitalismo se mantêm e até se exacerbaram em certos sítios”. Preocupa-se, sobretudo, por “as pessoas serem menos conhecedoras

PEDRO CUNHA



do que se passa ao nível científico, literário ou artístico e menos interessadas na evolução da sociedade do que eram no princípio do século”.

PÚBLICO — Fez parte do secretariado do PCP, em 1938. Vingava já a linha reorganizativa?

PINTO BASTO — O partido entrara já na normalidade. O que foi denominado por “grupelho provocatório” [Velez Grilo, Cansado Gonçalves, Vasco Carvalhal] já tinha sido segregado.

P. — O que motivou a criação do PCP?

R. — O PCP nasce em 1921 como consequência directa da revolução bolchevique [1917].

P. — A revolução de Lenine levou quatro anos a chegar a Portugal?

R. — Não foi a chegar, foi a estabelecer-se de um ponto de vista orgânico, porque politicamente a sua influência foi imediata.

P. — Como viu a queda do comunismo?

R. — O movimento comunista fez uma obra colossal, que foi a constituição da URSS. A sua influência no mundo permitiu ao proletariado obter importantes regalias de carácter social e político.

P. — O modelo social-democrata conservou-se, mas não o bolchevique, porquê?

R. — A revolução russa acabou porque degenerou. Para mim só houve revolução russa de 1917 até pouco depois da morte de Lenine [1923]. Depois começou o recuo imposto pelo Estaline.

P. — Condena o Estaline. Mas não foi ele que conseguiu as maiores vitórias?

R. — O desenvolvimento comunista não se fez com o modelo estaliniano, mas com as ideias da revolução de Outubro, porque Estaline abandonou uma coisa essencial — a ética revolucionária.

P. — Não é a ditadura do proletariado?

R. — Não. Isso faz-se no princípio da revolução. Depois tem que passar-se ao pólo contrário, abrir o sistema para realizar uma democracia popular autêntica. Foi Estaline que estabeleceu um regime de terror que matou a revolução.

P. — Os seus camaradas homossexuais revelavam-se diminuídos na actividade re-



1926

Não acho que Carmona tenha sido ditador. Foi sempre testa-de-ferro de outros que manejavam atrás dele. Nunca teve peso político.

volucionária?

R. — Não. Há um caso que para mim foi uma revelação surpreendente — a história do Fogaça. O Júlio Fogaça foi um militante extraordinário, activo e irrepreensível na sua posição face ao partido e à luta revolucionária. Não fazia a mínima ideia de que ele fosse homossexual. Fiquei muito admirado.

P. — Quando a direcção do partido se deu conta dessa apetência sexual, qual foi a reacção?

R. — Em relação ao Fogaça só muito mais tarde soube disso e já não tinha funções dirigentes no partido. A direcção de então entendeu que aquilo era uma anomalia e considerou que ele não podia ser dirigente do partido. Até certo ponto, acho que isso tinha um fundamento moral para o tempo. Agora há uma tolerância em relação a esses casos, mas não deixam de ser aberrações.

P. — Era incompatível ser membro do comité central e ter aquela atitude sexual?

R. — Penso que sim, que essa atitude sexual podia representar uma certa fragilidade do ponto de vista psicológico, o que é evidentemente prejudicial para um partido que está na clandestinidade e vive perseguido.

P. — Que retrato faz de Júlio Fogaça?

R. — Um retrato positivo. Era um militante dedicado e empenhado nas tarefas que lhe diziam respeito, convicto e ideologicamente bem situado.

P. — Palmiro Togliatti [secretário-geral do PCI] teve na guerra civil de Espanha e nunca denunciou a acção de Estaline?

R. — As teorias do Togliatti até eram correctas, mas ele não podia fazer outra coisa, porque se ele se

rebelasse contra o Estaline não estava lá nem mais uma semana.

P. — A guerra de Espanha foi um momento de fracasso ou de esperança?

R. — Quanto a mim, aquilo fracassou mercê do estalinismo. Procuraram — e assisti a isso — estabelecer ali normas semelhantes às que vigoravam então na União Soviética. Mataram vários dirigentes sinceros do movimento revolucionário, porque estavam em desacordo com as ideias que eram introduzidas pelo estalinismo. Por exemplo, devido a essas divergências, na Catalunha havia um movimento comunista que actuava fora do partido. Executaram dirigentes desse partido.

P. — A guarda estaliniana obedecia a quem?

R. — Ao partido comunista espanhol...

P. — Ou seja, Santiago Carrilho e Dolores Ibarruri...

R. — Não eram esses a decidir. Eles obedeciam cegamente às indicações que vinham do Governo da União Soviética.

P. — A II Guerra Mundial sucedeu à guerra civil...

R. — Foi o que eles quiseram, acabar com a de Espanha para começar com o conflito europeu. Aquilo era um entrave sério, porque as ideias que fervilhavam no povo eram ideias comunistas e revolucionárias.

P. — Hitler e Estaline assinaram um pacto de não agressão. Como é que ele foi recebido pelos comunistas portugueses?

R. — Mal. De entrada reagimos muito mal, depois aceitámos as explicações que fo-

ram dadas. Aceitámos que era uma solução de compromisso para manter a União Soviética. Mas foi um desgosto tremendo.

P. — Com a sua política de neutralidade, Salazar colocou-se do lado dos aliados. Como é que o PCP encarou essa atitude?

R. — O Salazar a apoiar os aliados? O Governo de Salazar foi de apoio à Itália e à Alemanha. O Salazar só tomou essa posição dúbia quando a guerra começou a inclinar-se no sentido dos aliados. Até aí, em Portugal, eram perseguidos os indivíduos que publicamente defendiam a posição dos aliados.

P. — Tinha 17 anos quando foi o 28 de Maio de 1926. Como reagiu?

R. — Não foi imediatamente que se constatou que aquilo era uma coisa altamente reacçãoária. O movimento foi aceite por muitos democratas porque havia um certo abandalhamento do regime republicano.

P. — Que efeitos teve a revolta da Marinha Grande [18 de Janeiro de 1934]?

R. — O 18 de Janeiro foi uma cabeçada da oposição. Não se tinham criado condições, de modo que o movimento fracassou. Eu fui encarregado pelo José de Sousa [preso no Tarrafal, afastou-se do PCP a partir de 1940] para ir organizar o movimento no Norte. Fui a vários sítios e verifiquei que era impossível fazer uma greve naquela altura. Só teve apoio popular nos sítios onde o partido tinha organização, na Marinha Grande e em Silves.

P. — Mas em Silves não eram os anarcosindicalistas que tinham mais força?

R. — Não. Nessa altura já era o partido que do-



1938

O Togliatti, durante a guerra de Espanha, procurou exercer uma actividade moderadora. Sabia, com certeza, que era varrido se levantasse a voz no sentido de dizer “eu discordo desta coisa”.



1936

Carrilho e Dolores Ibarruri eram muito diferentes. A Dolores era sincera e séria. Carrilho andou a mudar toda a vida e agora está numa posição incompatível com a de um revolucionário.

revolucionário comunista

perfil

Um revolucionário explosivo de convicções



O que agora o ocupa é a edição portuguesa de "Bukarin, Minha Paixão", pungente obra autobiográfica da que foi a jovem

mulher de um companheiro de Lenine, os dois vítimas das "purgas" políticas de Estaline. Ele próprio fez a tradução e quer, apressado, que uma editora a publique. Irrita-o a lentidão com que estão a tratar a questão dos direitos de autor. A sua irritação é permanente, mas não é grave, porque é um estado de espírito — uma atitude mobilizadora para a acção.

Nos primeiros anos de estudante de Medicina passou pela maçanaria. Na loja Revolta, com Vasco da Gama Fernandes, Augusto Santos Silva, Nuno Rodrigues dos Santos, Manuel Mendes e Velez Grilo, animou a greve académica de 1931 contra a ditadura militar. Mas, sem desrespeito para os companheiros, que havia de encontrar sempre do mesmo lado da barricada antifascista, achou-a fora do tempo. Foi no Partido Comunista

panha e em França, foi designado para o secretariado, juntamente com Álvaro Cunhal e Francisco Miguel. Por essa altura já o antigo colega Grilo deixara de ser camarada e passara a ser qualificado como membro do "grupelho provocatório" pelo secretariado a que pertencia. Ainda hoje se lhe refere com incontinente desprezo — "foi para Moçambique e lá tornou-se colonialista".

No dia 1 de Dezembro de 1939, foi detido, com Francisco Miguel, pela PVDE (policia política). Condenado a 20 meses de cadeia acabou por ter que passar três anos de degredo em Angra do Heroísmo, regressando depois a Caxias, de onde saiu em 1943. Comparada com a que caiu sobre o seu companheiro, enviado para o Tarrafal, de onde só regressaria passados mais de dez anos, foi uma pena ligeira.

Nessa altura já exercia clínica e estava casado com Brisida, filha de família operária. Ernâni, o mais velho dos três filhos que tiveram, nascera havia dois anos. Mãe e filho, graças à ajuda de um ir-

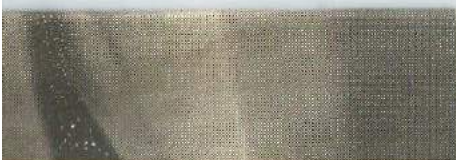
anos. A mãe, professora primária, com mais dois filhos, um de quatro e o outro de dois anos, espera que o rapaz, concluído o ensino primário, vá ajudá-la no comércio de fazendas. Foram vãs expectativas que a mãe alimentou durante nove anos. Até que uma irmã a pôs diante da evidência que só ela se negava a ver — o rapaz não era para o balcão. Só afastava a freguesia. Demorava mais a atendê-los do que um funcionário público e despachava-os mais depressa do que um sinaleiro em hora de ponta. Tudo para poder enfrontar-se no livro que escondia debaixo do balcão.

Leonardo Coimbra, visita semanal da aldeia, encantou-se com personalidade do jovem, neto de um republicano, que em conversa dominical lhe dava conta das suas simpatias marxistas. Nesse tempo, Leonardo Coimbra ainda não se convertera ao catolicismo e se tornara "praticamente beato", recorda o antigo jovem. Defendia, pelo contrário, as ideias de Lenine e Trotski. Ludgero não gostava de Trotski e ainda hoje o critica sem

na. No ano seguinte, por conselho de um médico, familiar de Leonardo Coimbra, rumou a Lisboa, para frequentar a "melhor escola médica do país". Abraçou as duas causas, a da revolução social e a da salvação dos corpos, e foi em semiclandestinidade que em 1935 concluiu o curso.

A policia política procurava-o pela faculdade, mas, conta, divertido, a foto que o identificava no bilhete de identidade era tão diferente da pessoa real que podia estar a falar com o esbirro que ele não o reconheceria. Confiado nisso chega a abrir um consultório na zona da Penha de França, em Lisboa, recorrendo a um apelido da mãe que pouco utiliza: Ferreira Pinto.

Quando saiu da prisão, por decisão dele e do PCP, passou a viver na legalidade. Reiniciou a actividade clínica e especializou-se em endocrinologia, de que foi precursor em Portugal. Era director-médico no banco do Hospital de São José, em 1961, quando Varela Gomes foi baleado na revolta de Beja. Isso e o facto de o enfermeiro-mor dos Hos-



minava a organização em Silves.

P. — Para onde queriam desviar os vasos de guerra na revolta da Organização Revolucionária da Armada [Setembro de 1936]?

R. — O levantamento veio no seguimento da demissão de um grupo de marinheiros. O primeiro objectivo era a sua reintegração. O plano estabelecido passava por levar a esquadra ["Dão" e "Afonso de Albuquerque"] para os Açores e aí aguentar até que houvesse uma evolução. Se as coisas corressem mal, a evacuação far-se-ia para a Espanha e os barcos seriam entregues ao Estado português. Não passou pela cabeça de ninguém entregá-los aos republicanos, até porque isso seria um pretexto para Portugal entrar abertamente no conflito.

P. — Porque é que fracassou?

R. — Houve precipitação. A força da artilharia de costa deu conta do sucedido e começou a bombardeá-los. Salazar mandou afundá-los.



1939
Bernardino Machado era um republicano de esquerda, embora já sem grande interesse do ponto de vista político. O que não impede que mesmo nessa altura fosse um democrata sincero e convicto.

P. — O levantamento do 18 de Janeiro e a revolta da ORA conduziram ao campo de concentração do Tarrafal...

R. — Salazar adoptou medidas fascistas para reprimir os movimentos revolucionários. De facto, o que trouxe eficácia ao regime foi o aperfeiçoamento da polícia política, não foi a Mocidade Portuguesa ou a Legião.

P. — Salazar foi um bom político?

R. — Salazar tinha uma aptidão para dominar como poucos. Lembro-me da maneira

como actuou quando do golpe do Botelho Moniz [Abril de 1961]. Praticamente sozinho, arrumou com as chefias militares todas.

Recrutado em 1932 por Grilo, seu duplo colega em Medicina e na maçonaria, entrou rapidamente para o comité local de Lisboa. Seis anos de lutas mais tarde, depois de uma estadia na guerra civil de Es-

ino de Figueiras, puderam ir residir para Angra.

A Lixa, sua terra natal, teria sido também a de residência se, miúdo, tivesse alguma queda para o negócio. Ficara órfão de pai aos cinco

Aos 17 anos a mãe disse-lhe: "Vai estudar." Foi. Em três anos, no colégio Almeida Garrett, no Porto, fez todo o ensino secundário. Com 19 anos e distinção entrou nos preparatórios de Medici-

neiro permitiu enviar de urgência para Beja uma equipa chefiada pelo cirurgião Sérgio Sabido Ferreira que operou e salvou o principal protagonista da revolta. ■

António Melo

P. — Participou nele?

R. — Sabia que ia dar-se. Esperei toda a noite para saber no que ia dar. Não há dúvida de que foi brilhante a maneira como Salazar arrumou os comandos militares. Pareciam vitoriosos, mas cometeram a imprudência de o comunicar ao Américo Tomás [Presidente da República], convencidos de que estaria do lado deles. Depois foram assistir a um desafio de futebol [selecções militares de Portugal e Marrocos]. Entretanto, o Tomás telefonou ao Salazar, que lhes deu a volta. Enquanto viam o futebol, o Salazar saiu de São Bento e foi ele próprio fazer convites pessoais para os substituir. Agiu depressa e quando os conspiradores se reuniram para os últimos detalhes, na Cova da Moura, veio um deles, julgo que foi o Costa Gomes, dizer que estavam todos demitidos.



1958
Delgado veio convertido da América, apaixonado por aquela forma de democracia e com influência para organizar um golpe militar.

P. — Salazar era um político hábil?

R. — Sobreviveu a várias

conspirações e eleições...

P. — Como as de Norton de Matos e de Humberto Delgado?

R. — Na do Delgado houve maior esperança, e se tivessem sido livres ele tinha ganho. O Norton de Matos não tinha a estrutura de apoio militar do Delgado, que era um militar no activo e prestigiado. Além disso, o Norton era uma pessoa diferente e apareceu num tempo diferente. O apoio popular a Delgado foi superior, daí que as perspectivas de luta fossem maiores.

P. — Humberto Delgado esteve clandestinamente em Portugal, para participar no golpe de Beja [31 de Dezembro de 1961]. Sabia disso? Que análise faz dessa revolta?

R. — Só soube que o Ayala o retirara de Beja e levava para o Norte do país. Quanto à revolta, foi outra tentativa precipitada de militares e civis que julgavam ter tudo resolvido. Não era bem assim e deu para o torto logo em Beja.

P. — Porque é que a revolta fracassou?

R. — Fracassou porque o Varela Gomes confiou na palavra do Calapez [comandava o quartel de Beja], que se dissera rendido e disparou quando o viu de costas.

P. — Conheceu o líder do MPLA, Agostinho Neto? Que ideia tinha dele?

R. — Ele fez a sua formação profissional no Hospital de Santa Marta. Trabalhou comigo. Era médico e estava na política sobretudo porque o seu prestígio o levava aí. Mas não tinha qualidade de dirigente político e estampou-se.

P. — Estampou-se? Mas foi ele que proclamou a independência de Angola...

R. — Foi, mas depois as coisas não correram muito bem. Acabou por adoecer e morrer. Não chegou a realizar uma tarefa indispensável, que era sanear aqueles quadros do MPLA, isto é, impedir que aquilo caísse nas mãos de oportunistas, como caiu em certos sítios.



1961
Salazar manteve-se quase 50 anos no poder e se não caísse da cadeira ainda lá estava. Tinha uma capacidade espantosa para dominar. O poder era ele.

P. — Marcelo Caetano foi o sucessor ou não havia sucessor para Salazar?

R. — Caetano falhou porque não tinha as mesmas qualidades de domínio. Sempre foi um bocado dependente do Salazar, mesmo domi-

nado por ele.

P. — Este foi o século do fulgor revolucionário ou da barbárie das guerras?

R. — As duas guerras mundiais não vieram da

barbárie. Resultaram de conflitos nacionais e da agudização da luta de classes. Foi a pressão das lutas sociais que na primeira metade deste século permitiu melhorar substancialmente a situação das



1975
Neto era um homem muito capaz, com uma formação política muito sólida, mas um tanto ingénuo para um certo número de coisas. Não tinha aquela ronha dos políticos.

classes trabalhadoras. A partir da década de 50, assistimos a um declínio da capacidade afirmativa do movimento operário e revolucionário.

P. — Como explica, então, o 25 de Abril?

R. — Quando a revolução de Abril se deu já a reacção cercava pelo mundo fora as conquistas do movimento sindical. Pensámos, aqui, que íamos fazer uma revolução plena... A esta distância penso que foi bom não o termos conseguido, porque o refluxo que já se verificava por toda a Europa levar-nos-ia a um banho de sangue.

P. — Quais as personalidades que marcam este século português?

R. — Na I República há um nome marcante, o de Afonso Costa. Não o conheci. Quando fui a Paris [guerra civil de Espanha] já só encontrei o Bernardino Machado. Depois há o Salazar, importantíssimo, por ter sido o líder político da reacção da direita. E há o Álvaro Cunhal, que desempenhou um papel muito importante na oposição à ditadura e também depois do 25 de Abril.

P. — E ao nível mundial?

R. — Lenine é uma figura deste século e para lá dele. Churchill [primeiro-ministro britânico durante a II Guerra Mundial], num outro plano, o do grupo de pessoas que salvou a democracia na Europa. Há ainda Olof Palme [primeiro-ministro sueco], que assassinaram pelo papel que desempenhou no estabelecimento da social-democracia. ■